

A reação dos países desenvolvidos ao pleito de alguns governos latino-americanos, no que se refere à negociação da dívida externa, corresponde a uma oportunidade excepcional para meditarmos sobre as vantagens de preferir a racionalidade ao simples comportamento emocional. Para tornar a este último de todo injustificável basta dar-se conta de que coincide com a posição dos setores mais responsáveis da opinião, que respaldaram as gestões do governo brasileiro junto à comunidade financeira internacional e rejubilaram-se com os resultados do acordo a que se chegou. Até mesmo os porta-vozes daqueles governos latino-americanos, diante das restrições que a idéia do Clube dos Devedores encontrava por toda parte, trataram de reconhecer que os empréstimos teriam que ser negociados com os próprios emprestadores, esclarecendo que jamais pretenderam negá-lo. De sorte que a conferência de cúpula dos sete, ao ratificar o postulado da bilateralidade da negociação, nada acrescentou ao que já sabíamos.

Em relação às declarações da Primeira-Ministra Margaret Thatcher, a esse propósito, tampouco justificam o empenho de enxergar intenções depreciativas. São os seguintes os princípios que buscou estabelecer: 1º) os países devedores deveriam atrair capitais de risco; e, 2º) empenhar-se no ajustamento interno. A preferência pelo capital de risco reduzirá a necessidade de novos empréstimos enquanto a eliminação do processo inflacionário atuará como estímulo aos investimentos, quer internos quer externos. No que se refere ao segundo aspecto, cumpre reconhecer que o Governo brasileiro tem se empenhado no sentido de levar à prática um programa

abrangente, embora os resultados encontrem-se aquém do esperado.

Persiste, contudo, a despreocupação diante da queda brutal do ingresso de recursos estrangeiros diretamente para investimentos, embora o assunto tenha sido focalizado tanto pela imprensa como por órgãos representativos do empresariado. Essa forma dispensa-nos do pagamento de juros, gera divisas e cria empregos. De sorte que as advertências de Mme. Margaret Thatcher vêm ao encontro de nossos próprios interesses. Para dar-se conta dessa verdade é suficiente atualizar as teses nacionalistas do início do pós-guerra, a fim de adequá-las à circunstância de um país que tem hoje uma economia destacada no conjunto ocidental, não se justificando o receio infantil diante dessa ou daquela empresa multinacional.

A Primeira-Ministra manifestou-se a favor da intenção do sistema financeiro internacional de rescalonar a longo prazo a dívida dos países que venham a ser bem-sucedidos em seus programas de ajustamento. Ao contrário do que se procura fazer crer, cresce o número de nações que preenchem tal requisito, destacando-se, além do México, muito citado, a Turquia e a Coréia do Sul.

A Inglaterra, sob a liderança do Partido Conservador e de Margaret Thatcher, submeteu-se a um programa de austeridade, aplicado com o maior rigor. Em que pese a dureza dos sacrifícios exigidos de todos os ingleses, estes deram nas urnas amplo respaldo a essa política. De sorte que a pessoa que teve energias para pautar-se internamente segundo tais exigências, dispõe da mais ampla base moral para recomendá-las externamente.